



Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



FRASE

"Não adianta só reclamar quando roubarem o cordãozinho de ouro da madame e dizer que não há polícia"
(José Mariano Beltrame, secretário de Segurança do Rio, pela primeira vez, após oito anos, acuado no cargo)

C, de cangaço

► **Até quando Renan Calheiros vai agir contra o governo de Dilma Rousseff e contra si mesmo?**

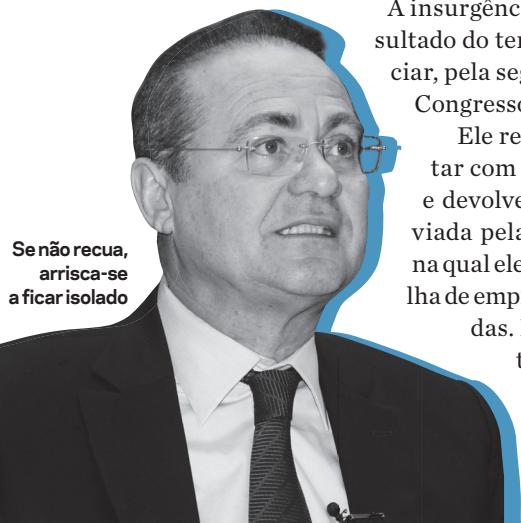
RENAN CALHEIROS, presidente do Senado, e Eduardo Cunha, presidente da Câmara de Deputados, jogam bruto contra o governo. Entretanto, caso não recuem, terminarão isolados e, por isso, mais expostos às decisões tomadas pela Justiça a partir das revelações da Operação Lava Jato.

Mais que isso, essa reação pode dissolver, mesmo que informalmente, o conjunto já em desarmonia da chamada "base governista" no Senado e na Câmara. Nela, o PMDB de Renan e Cunha é uma viga fundamental.

Numa ação política semelhante ao cangaço, Renan atirou contra a presidente Dilma Rousseff, a qual, para ele, juntou-se ao procurador-geral da União, Rodrigo Janot, com o objetivo de torná-lo o vilão número 1 da corrupção na Petrobras.

A insurgência de Renan Calheiros é resultado do temor de ser forçado a renunciar, pela segunda vez, à presidência do Congresso.

Ele recusou um convite para jantar com Dilma e a cúpula do PMDB e devolveu a Medida Provisória enviada pela presidente ao Congresso, na qual elevava a tributação sobre a folha de empregados das empresas privadas. Renan Calheiros impôs outras derrotas políticas ao governo. Vale-se do oportunismo movido pela baixa popularidade do governo e da presidente.



Se não recua, arrisca-se a ficar isolado

Tropeçou, no entanto, ao tentar criar uma CPI do Ministério Pùblico Federal para dar o troco em Rodrigo Janot. Não conseguiu apoio dos pares.

Até onde continuará a seguir esse caminho perigoso para ele próprio?

A importância da Petrobras na história da industrialização brasileira levou pela primeira vez, após a empresa ter sido criada, o poder financeiro e o poder político ao confronto. Parte dessa consequência advém da presença do Estado nos objetivos de Dilma. Um confronto visível na disputa presidencial entre a petista Dilma Rousseff e o tucano Aécio Neves.

A disputa árdua da eleição, decidida em segundo turno, não foi a divisão entre dois Brasis. Expressou mais uma luta de classes, sem sangue, travada entre classe média alta contra a população mais pobre. "A burguesia voltou a se unificar (...) Surgiu um fenômeno que nunca tinha visto no Brasil. De repente, vi um ódio coletivo da classe alta, dos ricos, contra um partido e uma presidente. Não era preocupação ou medo. Era ódio", segundo análise insuspeita do economista Bresser Pereira, ministro nos governos Sarney e FHC.

Para Bresser Pereira, a luta de classes emergiu com força: "Não por parte dos trabalhadores, mas por parte da burguesia, que está infeliz". Os perdedores demonstram uma forte intolerância contra os vencedores, agora expressada nas manifestações verbais agressivas contra o PT e Dilma. Situação aguçada pela rouboalheira de alguns funcionários da Petrobras casada com a cúpula das empreiteiras e grande quantidade de políticos, inscritos nos maiores partidos com representação no Congresso.

Essa é a crise política mais intensa e mais extensa nos governos petistas, duas vezes com Lula e o começo do segundo mandato de Dilma. O senador Renan Calheiros é um protagonista importante nesse tabuleiro político e econômico de resultado ainda indefinido.



Andante Mossو



Só faltava
o rombo nas
contas públicas

A vida dura de Pezão

O governador Luiz Fernando Pezão, do Rio de Janeiro, atravessa calado dias angustiantes.

Como vice de Sérgio Cabral, caiu na espiral da Operação Lava Jato por suposta ajuda de 30 milhões de reais dos empreiteiros para a eleição de 2010. Ele nega.

Além disso, enfrenta a tormenta de um rombo em torno de 15 bilhões de reais nas contas públicas.

O governador fluminense encontrou um caminho possível.

Acompanhado do presidente da Assembleia Legislativa, do presidente do Tribunal de Contas do estado e do procurador-geral da Justiça, Pezão bateu às portas do presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Luiz Fernando de Carvalho.

Ele pediu a liberação de 11,7 bilhões de um estoque de 15 bilhões de depósitos judiciais. O tribunal estuda se é possível liberar esse dinheiro.

Dilma em queda livre

O Palácio do Planalto acompanha diariamente a avaliação que a sociedade faz do governo Dilma Rousseff.

A situação é dramática de

Norte a Sul e de Leste a Oeste.

Os últimos números indicam que, aproximadamente, 70% da população julga o governo "ruim e péssimo" e apenas perto de 10% considera bom e ótimo.

Não é, entretanto, o primeiro governo a receber tamanho porcentual de desaprovação. Essa situação é contornável? Será difícil, mas possível.

Em setembro de 1999, segundo números do Instituto Vox Populi, o governo de Fernando Henrique Cardoso era reprovado por 65%.

Em junho de 2001, consegui recuperar-se. No entanto, dos números, o governo tucano terminou o segundo mandato com desaprovação de 36%.

Hereditariedade I

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) está com as duas vagas de advogado sem ministro titular.

Há alguns dias terminou o primeiro período de dois anos da ministra Luciana Lóssio. No fim de 2014, acabou também o primeiro período do ministro Henrique Neves.

A lista tríplice, que poderá contar inclusive com o nome de Lóssio, será feita

até abril pelo STF. Já a lista tríplice para a vaga de Henrique Neves foi elaborada no fim do ano passado e enviada antes do Natal para a presidente Dilma.

Hereditariedade II

O nome de Henrique Neves está na lista. Esse nome cria o impasse para a nomeação. Dilma quer botar um ponto final no domínio da família Neves. O pai de Henrique, Célio Silva, ex-consultor jurídico no governo de Fernando Collor, ficou oito anos no TSE. Outro filho, Fernando Neves, também ficou oito anos.

Henrique Neves já está com seis anos de mandato e quer mais dois. O escritório de advocacia da família Neves detém o maior número de processos no TSE.

Ratos de navio

A atitude oposicionista de 2015 é igual à de 1954.

Há coincidência na trama da oposição de encarrilar a presidente como fizem com Getúlio Vargas. A imprensa conservadora toca a mesma música fúnebre disposta a botar o navio a pique.

Caso exemplar é o do senador Romero Jucá (PMDB), que teria se recusado a assumir a liderança do governo: "Não quero ir para a suíte do Titanic. Prefiro ficar no escalar de remo na mão".

Supostos aliados contribuem com a fantasia e saltam do navio como ratos.

Epicentro do panelaço

Um leitor desta coluna, morador do Méier, subúrbio do Rio de Janeiro, disse que não ouviu panelas baterem após o discurso de Dilma na televisão. Pegou o carro e foi ao vizinho Cachambi, na zona norte, e constatou o silêncio. Ele, então, esticou sua curiosidade até a Pavuna, com renda média de 635,21 reais e lá, igualmente, não se fez batucada. Esse bairro é onde, segundo o samba do lendário cantor-compositor Almirante, "só se canta com harmonia". No chique do Leblon, porém, com núcleo dos ricos e da classe média alta, na privilegiada zona sul da cidade, houve batucada. Têm direito a batucar. Como não há razão concreta para isso, recorrem à intolerância.